

DESAFIOS ENFRENTADOS POR ACADÊMICOS IMIGRANTES

Leandro Aconcolo Dju¹

Marianna Carvalho e Souza Leão Cavalcanti²

RESUMO

Este estudo teve como objetivo principal descrever os desafios enfrentados por acadêmicos imigrantes. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, onde a construção do estudo orientou-se na pergunta norteadora “quais os desafios enfrentados por acadêmicos imigrantes?”. O levantamento bibliográfico ocorreu em dezembro de 2022, com a busca nas seguintes bases dos dados: Lilacs, Web of Science e BVS, por meio dos descritores: “Universities” “Estudantes” “Emigrantes e Inmigrantes”. Após os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 32 artigos com perfil adequado para compor amostra desta revisão. Os estudos selecionados demonstraram que, estresses adaptativos, dificuldades nas amizades principalmente as que são feitas com os nativos, dificuldade com a língua, ausência de elementos culturais para a manutenção da cultura de origem, etnocentrismo acadêmico, dificuldade financeira, insatisfação com o acolhimento, dificuldade de socialização e da integração, ausência dos familiares e amigos como fonte primária de apoio e experiências de discriminação são fatores que impactam negativamente na saúde mental de estudantes imigrantes.

Palavras-chave: Imigração Estudantil; Ensino Superior; Brasil.

ABSTRACT:

The main objective of this study was to describe the challenges faced by academic immigrants in Brazil. This is an integrative literature review, where the construction of the study was guided by the guiding question "what are the challenges faced by academic immigrants in

¹Discente do Curso de Graduação em Enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

²Orientadora Doutora em Ciências da Saúde na área de Enfermagem e Trabalho pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas-FEN/UNICAMP.

Recebido em: 30/06/2023 – Aprovado em: 03/07/2023

Brazil?". The bibliographic survey took place in December 2022, with the search in the following databases: Lilacs, Web of Science and VHL, using the descriptors "universities", "students" "emigrants and immigrants". After the inclusion and exclusion criteria, 32 articles with adequate profile were selected to compose the sample of this review. The selected studies showed that adaptive stress, difficulties in friendships, especially those made with natives, difficulty with the language, lack of cultural elements to maintain the culture of origin, academic ethnocentrism, financial difficulties, dissatisfaction with the reception, difficulty of socialization and integration, absence of family and friends as a primary source of support and experiences of discrimination are factors that negatively impact the mental health of immigrant students.

Keywords: Student Immigration; University Education; Brazil.

INTRODUÇÃO

A mobilidade estudantil pode ser definida como uma das formas de compartilhamento das informações, culturas, crenças e conhecimento com a finalidade de instigar a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e da inovação técnico-científico (DALMOLIN et al., 2013).

A experiência da mobilidade para a formação de estudantes é extremamente importante, pois fornece a oportunidade para aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes indispensáveis para que a pessoa viver o mundo globalizado, bem como a sua inserção no mercado internacional e contribuir para o desenvolvimento social e tecnológico do país (GUEDES; CAVALCANTE; PÜSCHEL, 2018).

A circulação internacional de pessoas tornou-se um triunfo determinante na competição entre as elites nacionais e internacionais, diplomas, títulos e as competências adquiridos no exterior vem sendo soluções cabais nos debates sobre a reformulação do Estado, na atribuição de poderes supranacionais e nas transformações do campo acadêmico (AZEVEDO; DUTRA, 2022).

A mobilidade acadêmica além de criar expectativa de ganho e proporcionar melhores oportunidades no estrangeiro, também pode significar ganhar reconhecimento e vantagens nos mercados de trabalho de país de origem (ARAÚJO; SILVA, 2014). Um estudante imigrante tem várias vantagens que vão desde aprender uma nova língua, ter contato com outras culturas, ganhar uma nova perspectiva do seu próprio país e até mesmo a expansão do seu

currículo, assim sendo, muitos jovens buscam formação em universidades estrangeiras (KINGESKI; NADAL, 2022).

A mobilidade acadêmica se ancora, enquanto projeto, na transformação da juventude, permitindo que as gerações novas, ao conhecer outras culturas e lugares, contribuam para a renovação do modelo de ensino dos seus países de origem através da reflexão sobre as suas próprias instituições e colocando em questão, seja para melhorá-las ou para reconhecer as suas qualidades, bem como as suas trajetórias profissionais (AZEVEDO; DUTRA, 2022).

Os motivos de muitos jovens escolherem estudar no exterior são devido a língua, a carência de oportunidades relacionada com as limitações do sistema de educação do país de origem, especialmente, a falta de especialização em área de interesse de estudos do estudante, o desejo de aprender a nova forma de fazer a ciência e o reconhecimento dos diplomas de alguns países no mercado internacional (VULTUR, 2018).

A expansão dos sistemas de investigação e desenvolvimento associada à imigração de pessoas com alta qualidade, faz com que muitos países reúnam esforços com propósito de atrair estudantes estrangeiros para cursos ministrados em línguas estrangeiras (ARAÚJO; SILVA, 2014). Acredita que este fluxo contínuo da imigração tem sido por demanda de pessoas e informações, por isso, muitos países estão incentivando jovens a irem estudar nas universidades estrangeiras com a intenção de adquirir novos e diferentes conhecimentos e trazê-los de volta para os seus países para que seja possível compreender como outros sistemas de ensino são organizados (DE ARAÚJO et al., 2016).

Somente 3% de estudantes a nível mundial (pouco acima de quatro milhões de pessoas) estudam em um país diferente de seu país de origem e dentre eles, mas de metade são provenientes do continente asiático (VULTUR, 2018). Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais (INEP, 2020), no seu último censo da educação superior, realizado em 2022, no Brasil, haviam catorze mil e quinhentos e seis (14.506) estudantes internacionais matriculados nos cursos presenciais de graduação, provenientes de cinco (5) continentes (África, América, Europa, Ásia e Oceania).

Ainda que a internacionalização da ciência é necessária e desejável para o desenvolvimento sustentável das nações, não deve ser feita apenas estimulando e fomentando a migração de estudantes para exterior, é necessário, em adição, oferecer condições aos

estudantes estrangeiros para que possam trabalhar em colaboração com os brasileiros para elevar níveis de padrões científicos internacionais (CUNHA-MELO, 2015).

Espera-se que o presente trabalho contribua para melhorias de condições de vida de estudantes imigrantes através da implementação das estratégias ou políticas que vão lhes auxiliar a conviver com adversidades. Eu escolhi esse tema enquanto estudante imigrante africano no Brasil e tendo em conta as dificuldades que enfrentei e que enfrento, particularmente quando perdi a minha mãe durante os estudos universitários, e antes de dormir e me levantar de cama lembrar que alguém que me desafiou a estudar não está mais no mundo dos vivos, e me sentir como se fosse a minha formação já não mais faz sentido. Posto isto, o presente trabalho tem como objetivo descrever os desafios enfrentados por acadêmicos imigrantes no Brasil.

METODOLOGIA

O presente trabalho consiste na revisão integrativa, com a finalidade de reunir e apontar discussões sobre os fatores correlacionados aos desafios enfrentados por acadêmicos imigrantes no Brasil, sendo a revisão integrativa o método de pesquisa que permite a síntese de múltiplos estudos publicados e ainda, inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos, possibilitando conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo (POMPEO; ROSSI; GALVÃO, 2009).

A construção desta revisão estruturou-se com base nas seguintes etapas: 1) Elaboração da pergunta norteadora; 2) Definição das fontes de seleção dos estudos primários e dos critérios de inclusão e exclusão; 3) Definição e extração dos dados a serem apresentados; 4) Avaliação dos estudos incluídos; 5) Análise crítica dos resultados; 6) Apresentação da síntese das evidências encontradas (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Sendo assim, a construção induzida a partir do tema, resultou na seguinte pergunta norteadora: quais os desafios enfrentados por acadêmicos imigrantes no Brasil? A busca foi realizada em três seguintes bases de dados: Scielo, Web of Science e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A seleção dos descritores ocorreu a partir do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH). Foram utilizados, durante a pesquisa, os descritores: Universities; Estudantes; Emigrantes e Imigrantes. E para o cruzamento dos

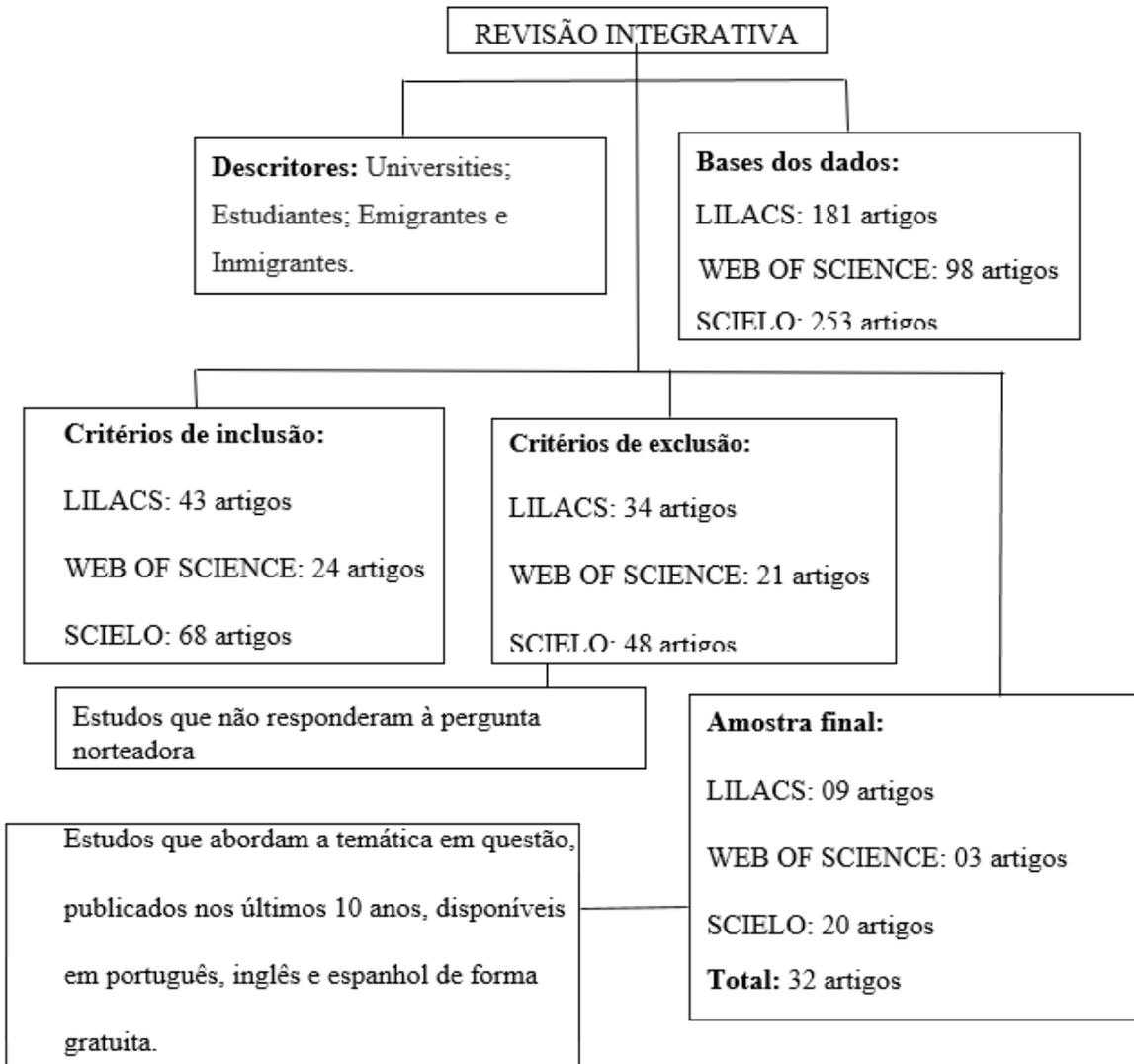
descritores, foi utilizado como ferramenta de auxílio, os operadores Booleanos “AND” e “OR”.

Como critérios de inclusão foram selecionados: estudos originais, completos, disponíveis de forma gratuita, com delimitação do idioma, publicados em periódicos científicos nos últimos 10 anos, de forma eletrônica, que abordam a temática em questão. Sendo excluídos revisões da literatura, estudos de caso, dissertações, teses, monografias, resumos publicados em anais de eventos, os artigos que não atendiam a temática proposta e artigos em duplicidade.

Para verificar a adequação à questão norteadora e objetivo, primeiro foi realizada a leitura dos títulos e resumos. Os estudos selecionados, foram organizados em planilha, no Microsoft Excel 2009. Posteriormente, os artigos selecionados foram lidos na íntegra e extraído informações relevantes em instrumento para categorização e mapeamento das informações: autor, título, país, ano, objetivo, método, resultados, fatores e conclusão, bem como classificados com o seu nível de evidência.

A busca foi realizada em dezembro de 2022, nas bases de dados, resultou em 532 artigos científicos. Posterior a leitura dos títulos e resumos, 397 trabalhos foram excluídos, pois, não atendiam aos critérios de elegibilidade. Dessa forma, 135 artigos foram selecionados para leitura na íntegra. Após leitura completa, 103 artigos foram excluídos por não responderem à pergunta norteadora. Assim, 32 artigos foram considerados elegíveis e selecionados para compor a amostra da revisão. Foram respeitados os aspectos éticos, com citação fidedigna das ideias, conceitos e definições dos autores.

Figura 1. Fluxograma de metodologia



Fonte: Autor

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontrados 32 artigos sobre o tema pesquisado. Abaixo, quadro 1, apresentamos os principais desafios enfrentados por acadêmicos imigrantes no Brasil que estão relacionados aos estresses adaptativos e dificuldade de integração: dificuldades nas amizades, dificuldade com o idioma, cultura, etnocentrismo acadêmico, dificuldade financeira e acolhimento; experiências de discriminação: preconceito racial, étnico e de gênero e xenofobia; e sofrimento mental: estresses, ansiedade e depressão.

Quadro 1. Desafios enfrentados por acadêmicos imigrantes no Brasil. Acarape-Ce. 2022.

Desafios enfrentados por acadêmicos imigrantes no Brasil	Autores (ano)
DIFICULDADES DE INTEGRAÇÃO E ESTRESSE ADAPTATIVO	Silva-Ferreira; Martins-Borges, (2022); Silva, (2021); Guedes; Cavalcante; Püschel, (2018); Dalmolin <i>et al.</i> , (2013); Oliveira; Pagliuca, (2012); Souza <i>et al.</i> , (2020); Ferreira, (2020); Garcia, (2012); Silva; Morais, (2012); De Araújo <i>et al.</i> , (2016); Lima; Feitosa, (2017); Araújo; Silva, (2014); Mungoi, (2012); Maciel, (2017); Perez, Coqueira-Adão; Fleck, (2022); Iorio; Nogueira, (2019); Vultur (2018); Patuzzi <i>et al.</i> (2018); Marginson, (2014); Melo, (2015); Bezerra; Alves, (2022); e Tavares; Calheu; Polonia, (2018).
SOFRIMENTO MENTAL	De Araújo <i>et al.</i> , (2016); Vasconcelos <i>et al.</i> , (2015); Ariño; Bardagi, (2018); Souza <i>et al.</i> , (2020); Silva <i>et al.</i> , (2022); Santos <i>et al.</i> , (2020); Ferreira; Borges, (2021); Silva-Ferreira; Martins-Borges, (2022); Silva; Morais, (2012); Garcia, (2012); De Araújo <i>et al.</i> , (2016); e Brugnoli, (2022).
EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO	Bezerra; Alves, (2022); Souza <i>et al.</i> , (2020); Borelli <i>et al.</i> , (2021); Perez; Coqueira-Adão; Fleck, (2022); Silva-Ferreira; Martins-Borges, (2022); Mungoi, (2012); e Souza <i>et al.</i> , (2021).

Fonte: Autor

Estresse Adaptativo e Dificuldades de Integração

O sonho de estudar em uma universidade estrangeira é um projeto de vida que envolve a imigração, levando em considerações as variáveis de um processo de interações culturais

intercedido pela diferença, como idioma, hábitos, situações econômicas, realidades educacionais, valores, preconceito racial, étnico e de gênero (FERREIRA; BORGES, 2022). Estes autores acreditam que um novo ambiente remete a pessoa ao status de luto, estresses para se adaptar e compreender as peculiaridades da sociedade e diferente realidade educacional, cujas dificuldades agravam-se com o decorrer dos problemas gerais da própria cidade.

A experiência de estudar no estrangeiro e as suas adversidades deixam a pessoa mais responsável e autônoma com a capacidade de criação dos novos mecanismos para enfrentar as dificuldades, superar as barreiras, desenvolver novas habilidades para lidar com as decisões próprias, o desequilíbrio do impacto imigratório, (re) significar hábitos, amadurecer, controle emocionais e autoconfiança (FERREIRA; BORGES, 2022; SILVA, 2021; GUEDES; CAVALCANTE; PÜSCHEL, 2018). Este tipo de experiência abre as portas para as novas perspectivas e adiciona valores ao crescimento pessoal e profissional, porém o estudante deve estar preparado para conviver com imprevistos e vulnerabilidade no processo da tomada de decisões relativa à ausência da família e dos amigos, diversidades culturais, climática, de hábitos e dos valores (DALMOLIN et al., 2013; PATUZZI et al., 2018; OLIVEIRA; PAGLIUCA, 2012).

Para Souza et al., (2020), considera que os imigrantes são sensíveis aos diversos fatores, caracterizados como fatores que afetam e/ou determinam a ocorrência de problemas de saúde das pessoas e o equilíbrio entre processo saúde-doença é influenciado por estes fatores de origens sociais, econômicas, ambientais, culturais e biológicas, comovendo assim a vivência da imigração, principalmente o consumo das alimentações saudáveis relativa às condições financeiras, saudades da família, dificuldades de se comunicar e falta de equidade.

Identificam que as necessidades de planejamento financeiro para gastos diários, convivências com pessoas de diferentes culturas em ambientes não familiar, saudades de casa, novas aprendizagens e enfrentar desafios têm influências diretas nos estudantes e podem fazer com que eles passem por mudança em curto período de tempo (GUEDES; CAVALCANTE; PÜSCHEL, 2018).

Dividir espaço com colegas de diferentes países pode ter sido uma das experiências mais conturbadas que estes universitários podem encarar porque cada um tem as suas formas de fazer coisas e as suas próprias culturas o que exige bastante esforços diários para

superações dos limites, pois só assim que se pode manter relações saudáveis, compartilhamento de conhecimentos e convívios pessoais (SILVA, 2021).

A maior parte de estudantes que migram para fora dos seus países de origens em busca da formação em universidades estrangeiras, são jovens que se encontram em processo de transição de identidades adolescentes e mais familiar para uma identidade adulta com os seus direitos de autonomia e responsabilidades, ressaltando a desorganização da rotina desses jovens como um dos problemas experimentado após a ingressar na universidade, uma vez que, precisarão se ajustar a um novo modelo educacional, as novas responsabilidades ao longo desse percurso, exigências de autonomia e do desempenho acadêmico e simultaneamente adaptação sociocultural (FERREIRA; BORGES, 2022).

O dia a dia destes estudantes é sobrecarregado por atividades que transcendem academia, ou seja, é a fusão de estudo, tarefas de casa, participações em eventos culturais, momentos de comunicação com os familiares por meio de redes sociais e até mesmo os raros momentos livres para refletir sobre as experiências de imigração não são priorizadas (FERREIRA, 2020).

É esperado que os estudantes imigrantes passassem dificuldades ao longo da formação, é algo muito importante e indispensável durante esse período, pois essas adversidades são grandes atributos para um bom profissional porque permitem novas interpretações pelos estudantes, deixando-lhes mais criativos, experientes e críticos e mais responsáveis para exercerem as suas profissões (GUEDES; CAVALCANTE; PÜSCHEL, 2018).

Identifica na sua investigação as dificuldades de adaptação de estudantes em conviver com a ausência das famílias, amigos e diferenças culturais, alimentares, climáticas, hábitos e valores, as relações pessoais e acadêmicas (SILVA, 2021).

Pode-se perceber que o processo de separação e perdas dos elementos emocionais que compõem o “cotidiano” dos jovens imigrantes levá-los a um estado de luto provocado pelos sentimentos de falta, e tais perdas podem desencadear nostalgia, o desejo de retornar a um estado anterior assim como a valorização desses “objetos perdidos” (FERREIRA; BORGES, 2022). Esses autores asseveram que o simbolismo da ausência dos alimentos tradicionais acarreta mudanças nos hábitos alimentares, pois o comer parece estar associado à memória

efetiva de nutrição, carinho e intimidade com pessoas e lugares, e afastar-se destes modos de vida tradicional é, muitas vezes, afastar-se da sua própria identidade.

Ferreira e Borges (2022), apontam que os impactos das mudanças climáticas, falta no acolhimento institucional, relacionamento interpessoal, ausência de atividades culturais na cidade, ineficiência dos transportes público e a instabilidade do Sistema Único de Saúde (SUS), como os principais estressores adaptativos após a inserção no meio social de um “mundo desconhecido” que dificultam adaptação dos universitários.

As relações amistosas são determinantes para adaptações sociais e culturais dos universitários estrangeiros principalmente as que são feitas com os estudantes dos países anfitriões (GARCIA, 2012). Várias pesquisas identificam barreira linguística e diferenças pessoais como uns dos fatores que dificultam a criação de laços amistosos entre os universitários nativos e internacionais gerando ainda mais tristezas e as saudades da casa e na tentativa de dirimir esses problemas, os estudantes internacionais tendem a formar redes de apoio entre si por enfrentar os mesmos problemas e pelas semelhanças culturais (SOUZA, et al., 2020; SILVA; MORAIS, 2012; LIMA; FEITOSA, 2017; ARAUJO; SILVA, 2014; GARCIA, 2012).

Lazer e esportes são identificados como eventos que mais promovem a socialização e a integração entre os grupos, proporcionando assim, a criação de novas rotinas e vínculos (FERREIRA; BORGES, 2022; GARCIA, 2012; DE ARAÚJO, 2016). Garcia (2012), ressalta a relevância de ampliação de redes de apoio a socialização, pois se forem compostas exclusivamente com os pares, os imigrantes universitários terão grande dificuldades em aprender o idioma e cultural local, portanto, dificultando adaptações e a integração ao ambiente acadêmico.

As festas organizadas por estes estudantes são umas das formas que lhes auxiliam a integrar na sociedade receptora, pois é por meio delas que os diferentes grupos e os subgrupos de estudantes se conectam e interagem com os com nativos, ou seja, servem como intercessão para diferentes grupos assumindo a função pedagógica (MUNGOI, 2012).

Há várias situações em que os estudantes são obrigados a criarem estratégias para que as festas continuassem, como mudança de local da realização e por diversas vezes, as festas foram interrompidas por policiais pelas denúncias anônimas de que estão incomodando o

sossego e a paz dos vizinhos causando assim a suspensão parcial ou total e até mesmo alguns bate-boca ou as batidas policiais (MACIEL, 2017).

Alguns estudos enumeram como efeitos da barreira linguística as dificuldades de formação de vínculo no contexto social e nos cenários práticos, risco de isolamento, dificuldade de aprendizagem e fracasso acadêmico e conseqüentemente a impossibilidades de matricular em novas disciplinas, risco de perda de auxílios estudantis e bolsas de estudo e a alteração da autoimagem acadêmica (GUEDES; CAVALCANTE; PÜSCHEL, 2018; FERREIRA; BORGES, 2022).

Os estudantes imigrantes precisam de mais tempo ou técnicas complementares para compreender matérias complexas cujo domínio da língua não foi ainda alcançado e quando esses métodos não forem eficientes, limitam as suas capacidades de expressão das ideias em avaliações e participações na sala de aula ocasionando isolamento acadêmico e repercussão em maiores riscos de reprovações, evasão universitária e dificuldade de concentração (FERREIRA; BORGES, 2022).

A língua é considerada um dos maiores problemas que os estudantes enfrentam e muitas vezes motivo de exclusão nas apresentações de seminários ou para composição de grupos de estudos (PEREZ; COQUEIRA-ADÃO; FLECK, 2022). O sofrimento acadêmico tem relações com as repercussões da imigração no processo educacional, pois o ambiente acadêmico é formado por séries de desafios de adaptação que vão além da adequação ao modelo de ensino e reúne em si várias formas de expressões específicas de mal estar de seu contexto (FERREIRA; BORGES, 2022).

A forma que a língua portuguesa é falada e escrita no Brasil, representa problemas nas inserções de muitos estudantes, pois é um dos indicadores da posição de estrangeiro no país (SILVA; MORAIS, 2012). O Iorio e Nogueira (2019), identificam na pesquisa feita com os brasileiros e timorenses em Portugal que a não aceitação da língua portuguesa como é escrita e falada no Brasil pelos portugueses representa para estudantes brasileiros em Portugal não dominar o estilo de vida e os códigos culturais desse país e pode significar também não ter domínio dos conteúdos das disciplinas.

Silva e Morais (2012) notam que o medo de repreensão por parte dos colegas da turma e dos professores é a causa de muitos estudantes imigrantes sentirem a vergonha de expressar na sala de aulas pelas dificuldades de manejar a língua nos primeiros momentos. Na mesma

linha do pensamento, o Lima e Feitosa (2017), apontam que a barreira para o diálogo e o relacionamento entre brasileiros e estudantes internacionais tem relação com a dificuldade de comunicação devido aos sotaques e dialetos dos seus respectivos países de origens.

Os estudantes imigrantes sentem-se em “casa” e reconfigurados em espaços onde se encontram referências culturais dos países de origens, afastando-lhes dos estereótipos adquiridos nas cidades e nas instituições do ensino superior (SILVA; MORAIS, 2012). A carência do ambiente tradicional e a saudades de casa provocam as duas evidências de choque cultural implícito da imigração (ARAÚJO; SILVA, 2014).

A manutenção da cultura de origem por meio de encontros com aspectos culturais move a pessoa ao quadro cultural anterior distanciado pelo processo migratório, pois a cultura serve como proteção materna e representa as codificações e interpretações das realidades e a continuidade da existência destes aspectos reproduz o berço cultural e fortalece a pessoa perante à angústia (FERREIRA; BORGES, 2022).

Por outro lado, a interculturalidade envolve vários aspectos sobre encontros criativos e trocas culturais, pois proporciona aos envolvidos a oportunidade quebrar com barreiras históricas, preconceitos, a criação de redes de apoio transfronteiriça, o desenvolvimento das novas maneiras de enxergar e lidar com os outros e consigo mesmo (SILVA; MORAIS, 2012). Segundo Vultur (2018), aculturação provoca mudanças psicológicas e culturais, uma das consequências importantes do estudo no exterior.

Segundo Ferreira e Borges (2022), o etnocentrismo acadêmico constitui problemas em volta das diversidades culturais e relações de poder que culminam com as violências simbólicas, sobretudo em sala de aulas. Esses autores entendem que esta atitude carece da capacidade ou preparação para lidar com a diversidade cultural na sala de aulas, além de ser um silenciador e uma desvalorização da cultura e dos conhecimentos desses estudantes.

O etnocentrismo acadêmico é a valorização intensa dos elementos epistemológicos das instituições receptoras e a subestimação/inferiorização dos conhecimentos de estudantes imigrantes (MARGINSON, 2014). A universalização da ciência compreende a validação dos dados, das teorias, das experiências e diferentes pontos de vista para que as teorias científicas sejam validadas (CUNHA-MELO, 2015).

Apesar da imigração transformar o contexto financeiro e conferir aos jovens imigrantes independência financeira para administração das suas rendas, eles continuam

necessitando de auxílio dos familiares para suas sustentabilidades no estrangeiro, impactando os seus hábitos alimentares pela diferença na conversão entre as duas moedas (BEZERRA; ALVES, 2022).

Tavares, Calheu e Polonia (2018), o trabalho que visa analisar o perfil de risco cardiovascular de imigrantes universitários caboverdianos em Portugal, comparando-os com o perfil de estudantes portugueses brancos e os estudantes caboverdianos que residem em Cabo-Verde, autores identificaram alterações significativas do perfil de risco cardiovascular de estudantes caboverdianos que residem em Portugal em curto período de tempo de imigração, estes estudantes já apresentavam alterações no perfil cardiovascular, tais como valores mais elevados de pressão arterial, ingestão de sal, de peso corporal, de rigidez da aorta e de Albuminuria em comparação com os caboverdianos que residem em cabo-verde e os estudantes brancos portugueses. Esses autores acreditam que essas alterações podem estar aliadas a diversos fatores, dentre eles, mudanças de hábitos alimentos em detrimento das condições financeiras.

A dificuldade para suprir as necessidades básicas para estudar e viver, como por exemplo, moradia, alimentação, contato com os familiares por meio das novas tecnologias reflete negativamente em muitos aspectos de vida incluindo saúde mental (FERREIRA; BORGES, 2022). O baixo poder da compra dos alimentos saudáveis em virtude das questões econômicas determina o processo de saúde-doença na vivência da imigração (SOUZA et al., 2020).

A trajetória de estudantes internacionais transcorre por necessidades sociais, institucionais, relacionais e assistenciais imbricado no seu dia a dia, na cultura e na academia, por isso, as instituições receptoras devem suportá-los adotando medidas que atenuam a desigualdades no recebimento de auxílios e o desamparo institucionais que impedem um bom rendimento acadêmico, além de levar em consideração que devem assumir as suas responsabilidades para a manutenção do bem-estar e permanência de imigrantes na universidade (BEZERRA; ALVES, 2022).

A falta das políticas institucionais que facilitam um bom acolhimento de jovens que saem dos seus países de origens com destino de estudo no estrangeiro como por exemplo, a possível formação de vínculo social que antecede a imigração, tais políticas que objetivam suportá-los de forma integral, ajudam a driblar os comportamentos negativos decorrentes de processo migratório conturbado, minimizando índice de reprovações, necessidade de

“remediar” dificuldades no desempenho acadêmico decorrentes de uma falta de estrutura de vida e abstenção às aulas (BEZERRA; ALVES, 2022).

Sofrimento Mental

Os estudantes universitários compõem um grupo que está em processo de maturação, criação de ideias e princípios, propenso a desenvolver quaisquer alterações mentais, como ansiedade e depressão ao longo de suas trajetórias universitárias relacionados ao distanciamento da casa dos pais, aos conflitos e à adaptação ao ambiente universitário (DE ARAÚJO, 2016).

Cerca de 15% a 25% dos estudantes universitários desenvolvem algum tipo de transtorno psiquiátrico ao longo do seu percurso acadêmico, dentre estes transtornos, a depressão e a ansiedade são mais frequentes (VASCONCELOS et al., 2015). Fatores acadêmicos e de carreira são configurados como possível estressores e riscos para saúde mental e têm implicações parcial na alta prevalência de transtornos mentais entre universitários (ARIÑO; BARDAGI, 2018).

A presença de sofrimento mental nos imigrantes universitários desencadeados por diversos fatores de origem pessoais, institucionais, culturais, sociais e acadêmica, consequências da mudança de rotina (DE SOUZA et al., 2020). Na pesquisa de De Araújo et al., (2016) foi identificado que 22% dos estudantes internacionais encontravam-se em sofrimento mental. Dentre estes, 89% eram mulheres e aqueles que tiveram dificuldades com a língua representam 44% da amostra.

Os estudantes em dificuldades psicológicas expressam-se o seu sofrimento de formas diversificadas, alguns podem apresentar nervosismo, ansiedade e depressão enquanto outros podem apresentar queixas físicas, como dor da cabeça, dor de estômago e dificuldades para dormir (DE ARAÚJO et al., 2016).

A desafio de conciliar o estudo e o trabalho, consequência de disparidade na distribuição de bolsas institucionais, forçam muitos estudantes universitários a trabalhar para conseguir estudar, diminuindo o tempo e a qualidade de sono e com a repercussão na função psicológica (DE SOUZA et al., 2020).

A duração e a qualidade de sono são essenciais para a manutenção de qualidade de vida, pois o sono age nas funções cognitivas, consolidação da memória e no armazenamento de informações, sendo fundamental para a estabilização do organismo humano (SILVA, et al.,

2022). As condições financeiras é um dos fatores que impactam a qualidade de sono. Na investigação feita com os universitários de um estado do Brasil, este autor identificou o aumento de 20% na qualidade de sono ruim em universitários que tiveram a renda familiar mensal inferior a quatro salários mínimos (SANTOS et al., 2020).

Ferreira e Borges (2021), afirmam que, nos anos de 2016 e 2017, teve 225 solicitações de atendimento por parte de estudantes internacionais, representando uma média de 10,57% de estudantes que procuraram atendimento psicológico por ano, ou seja, em cada dez estudantes imigrantes, um procurou atendimento. Dentre imigrantes universitários que procuram atenção psicológica, 74,6% tinham índice de desempenho acadêmico maior que seis, e 25,4% inferior do considerado satisfatório. Vale ressaltar que, o índice maior ou igual a seis não assevera a conclusão do curso no tempo mínimo estabelecido, pois pode estar sujeito a variáveis como o número de matrículas e as especificidades da grade curricular de cada curso.

O processo migratório é formado por conjunto de fatores de risco pré-migratórios (conflitos sociais e educacionais, imigração forçada, conflitos familiares, histórico de sofrimento psíquico e falta de preparo para imigração) e pós-migratórios ou principais fatores (separações e perdas, estresse adaptativo, dificuldades financeiras, língua, etnocentrismo acadêmico e experiências de discriminação) que transformam grande mudanças na saúde mental e conseqüentemente sofrimento psíquico. Autores sustentam que os universitários já experimentaram o sofrimento psíquico anterior à imigração, o qual foi reatualizado mediante a dificuldade de socialização e os desafios linguísticos (FERREIRA; BORGES, 2022).

De Araújo et al., (2016) destacam que a dedicação de mais tempo para o estudo em busca de uma formação mais qualificada e com pouca disponibilidade para momentos ócios para atividades de lazer e esportes devido a crescente competição no mercado de trabalho e no mundo acadêmico está aliado a predisposição de transtornos mentais, como ansiedade e estresse.

Geralmente, os estudantes universitários, especialmente aqueles que vivem afastado do núcleo familiar em decorrência da localização da universidade tornam-se mais suscetíveis a desenvolver distúrbios psicológicos (VASCONCELOS et al., 2015). A disponibilidade para atividades de lazer e esporte proporciona uma melhora de sintomas de depressão e ansiedade, boa qualidade de saúde mental em comparação àqueles que não têm tempo para tais eventos (SILVA; MORAIS, 2012; GARCIA, 2012; DE ARAÚJO et al., 2016).

O apoio ou suporte social para jovens universitários é imprescindível para a saúde e bem-estar, porque é um público com a prevalência de estresses e sofrimento psicológico muito alto, tendo alguém em momento em que mais precisam de auxílio materiais ou amparo emocionais diminui nível de ansiedade, doenças somáticas e depressão (BRUGNOLI, 2022).

Experiências de Discriminação

A vida cotidiana de imigrantes estudantes fora e dentro do ambiente universitário demonstra a prevalência de discriminação, o preconceito e o racismo na sociedade brasileira, efeito do epistemicídio e do eurocentrismo provocado pelo sistema do mundo contemporâneo (BEZERRA; ALVES, 2022).

Na discriminação, as pessoas que não fazem parte da maioria de grupos raciais dominantes sofrem distinção com base na cor da sua pele resultando em desigualdade de acesso a muitos recursos, como a oportunidades educacionais profissionais, empregos, assim como mobilidade social (DE SOUZA et al. 2020).

Nas recentes ondas imigratórias para o Brasil, têm-se como o resultado uma relação de conflitos com o outro que, mas, não se constitui como um outro qualquer: simplesmente aquele que é propenso a ser hostilizado por causa da sua origem única, marcada frequentemente na sua cor da pele e nas características físicas (BORELLI et al., 2021).

Os estudantes experimentam comportamentos racistas e xenofóbicos dentro do ambiente universitário e passam dificuldades de inclusão nas realizações das atividades acadêmicas em grupo, principalmente quando têm dificuldades com a língua o que pode influenciar no preconceito dentro da sala de aulas (PEREZ; CERQUEIRA-ADÃO; FLECK, 2022).

Ferreira e Borges (2022), argumentam que a xenofobia tem implicação na saúde mental e no sentimento de pertencimento de estudantes, levando assim, muitos a viver de maneira segregada para se proteger da violência e livrar das condições que os denunciem os seus status de estrangeiro.

A condição de estrangeiro, negro e africano são fatores protetivos e ao mesmo tempo servem para atenuar a desconfiança, conflitos, paradoxos e ambiguidades, as três categorias diferenciam o grupo com os negros brasileiro, associadas ou isoladas, admitem, em simultâneo, conotações negativas e positivas, em função do contexto que são acionadas (MUNGOI, 2012).

No Brasil, os nativos da pele escura estão sujeitos ao preconceito devido à cor da sua pele, sendo assim, os imigrantes com a mesma tonalidade da pele também estão propensos a passar discriminação racial, principalmente, quando frequentam lugares pouco transitados por segmento étnico-racial como lojas, shoppings, restaurantes, etc. É nessa ocasião que a condição de negro estrangeiro, africano são acionadas para distingui-los dos negros brasileiro e conseqüentemente atenuar o tal tratamento (MUNGOI, 2012).

Os reflexos da escravidão, ainda presentes nos atos de exploração, preconceito e discriminação com os imigrantes, devem ser confrontados em suas amplas formas, sendo assim, as ações que reafirmam igualdade na diversidade através da educação intercultural são urgentes (DE SOUZA et al., 2020).

O fato de imigrantes europeus e norte-americanos, os brancos, receberem tratamento de forma diferenciada em relação aos latino-americanos, principalmente aqueles com fenótipos indígenas ou os negros africanos, alvos de prioridades das ações xenofóbicas, demonstra o quão presentes na sociedade brasileira as estruturas racistas (BORELLI et al., 2021).

O estigma enfrentado pelos imigrantes universitários perpassa por toda esfera da vida social, interferindo nas suas relações sociais tecidas nos seus percursos diários (BEZERRA; ALVES, 2022). Estes autores sustentam que não só os colegas da turma que fazem preconceito com os estrangeiros, porém os professores e os funcionários também cooperam na construção e na reprodução do imaginário ocidental sobre estudantes, sobretudo aos negros.

No processo de ensino-aprendizagem, a relação entre o aluno e o professor deve ser horizontal, considerando as possibilidades para efetivar diálogos, trocas de saberes e envolvimento com as condições e peculiaridades de cada um, para contornar o ato educacional dependente da relação social (SOUZA et al., 2021). A universidade é o espaço que serve para debater sobre a discriminação e preconceito, mas não como lugar para fomentar tais situações (DE SOUZA et al., 2020).

As situações discriminatórias enfrentadas por esses estudantes, marcadas por estigmas e estereótipos contra a pele escura em geral, fizeram-lhes compreender que a sua cor da pele os remetia em um lugar menos prestigiado na sociedade brasileira, trata-se de um lugar marcado pela exclusão social, discriminação racial, pelos estereótipos que não correspondia com a realidade social vivida pelos imigrantes (MUNGOI, 2012). Estes tipos de atitudes

provocaram violências vivenciadas pelos estudantes principalmente os negros e os de fenótipo indígena porque o racismo não é vivenciado na cultura, mas sim, pela pigmentação da pele (FERREIRA; BORGES, 2022).

O encontro com elementos culturais oferece a possibilidade de atenuar ou sanar as experiências de solidão racial experimentadas nas universidades por estudantes que se encontram distantes de suas referenciais culturais de origens, com base nas quais significam suas realidades e nas quais se formam como pessoas através da identificação e reaproximação da expressiva originalidade dos aspectos de suas culturas (BEZERRA; ALVES, 2022).

A conscientização dos servidores da universidade, municipais, estaduais e federais através da oferta do curso de Formação e Capacitação em Direitos Humanos ajuda na reconstrução social e mudança de pensamento facilitando atendimento, acolhimento e a integração dos estudantes imigrantes porque, de uma forma ou outra, entrarão em contato com estes servidores para cumprir com as suas obrigações na comunidade local (PERES; CERQUEIRA-ADÃO; FLECK, 2022).

Acredita-se que os programas de apadrinhamento, oferta de curso de curso em língua de estudo para aprimoramento da fluência e as realizações das atividades ou eventos que promovem amizades, como por exemplo, lazer e esportes e eventos culturais podem ser soluções cabais para atenuar os desafios enfrentados por imigrantes estudantes. Vale realçar a importância de realizações de outras pesquisas com este público por ser um grupo muito vulnerável aos vários fatores que de forma direta ou indireta podem acarretar grande mudanças no seu cotidiano e conseqüentemente evasão escolar.

CONCLUSÃO

Percebe-se que estresses adaptativos, dificuldades nas amizades principalmente as que são feitas com os nativos, dificuldade com a língua, ausência de elementos culturais para a manutenção da cultura de origem, etnocentrismo acadêmico, dificuldade financeira, insatisfação com o acolhimento, dificuldade de socialização e da integração, ausência dos familiares e amigos como fonte primária de apoio e experiências de discriminação são fatores que impactam negativamente na saúde mental de estudantes imigrantes.

Após essa revisão sistemática pode-se concluir que, estudantes imigrantes enfrentam desafios que transcendem os muros das universidades ao longo dos seus percursos acadêmicos, o que podem interferir diretamente no desempenho acadêmico e

consequentemente na qualidade da formação destes estudantes. E por outro lado, observa-se que as instituições de ensino superior receptoras carecem dos programas de apoio que possam lhes auxiliar a minimizar estas adversidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emília Rodrigues; SILVA, Sílvia. Ecos do tempo. **A mobilidade de investigadores e estudantes brasileiros em Portugal**. Sociologias, v. 16, p. 218-250, 2014.

ARIÑO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. **Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários**. Revista psicologia em pesquisa, v. 12, n. 3, 2018.

AZEVEDO, Leonardo Francisco de; DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. **Cosmopolitismo, práticas de mobilidade e juventude: a experiência do intercâmbio acadêmico entre universitários brasileiros**. Sociologia & Antropologia, v. 12, p. 187-210, 2022.

BEZERRA, Jonathan Benedito; ALVES, Heliana Castro. **Na EKO na EBA-o vai e vem da imigração: cotidiano, identidade e demandas de imigrantes africanos estudantes universitários**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 30, 2022.

BORELLI, Sílvia Helena Simões et al. **Jovens imigrantes na cidade de São Paulo: ações político-culturais, vida cotidiana, resistências**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 19, n. 3, p. 9, 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior**. Resumo técnico. Brasília, DF, 2022.

BRUGNOLI, Adriana Vieira Macêdo et al. **Evidências de validade da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (EMSSP) em universitários**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, p. 4223-4232, 2022.

CUNHA-MELO, José Renan da. **Indicadores efetivos da internacionalização da ciência**. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v. 42, p. 20-25, 2015.

DALMOLIN, Indiara Sartori et al. **Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 66, p. 442-447, 2013.

DE ARAÚJO, Karla Jéssica Santos et al. **Sofrimento mental: avaliação em uma universidade americana.** 2016.

DE SOUZA, Jeane Barros et al. **Determinantes sociais da saúde que impactam a vivência da imigração no Brasil.** Revista Enfermagem UERJ, v. 28, p. 531-94, 2020.

FERREIRA, Alisson Vinicius Silva; BORGES, Lucienne Martins. **Longe de casa: atendimento psicológico e indicadores de saúde mental de imigrantes universitários.** Psicologia da Educação, n. 52, p. 64-73, 2021.

FERREIRA, Alisson Vinicius Silva; BORGES, Lucienne. **Metamorfozes interculturais: o impacto da imigração na saúde mental de imigrantes universitários latino-americanos.** Educação em Revista, v. 38, 2022.

FERREIRA, Rubens da Silva. **Estudantes estrangeiros no Brasil: informação e processos de produção de diferença.** Perspectivas em Ciência da Informação, v. 25, p. 82-98, 2020.

GARCIA, Agnaldo. **Amizades de universitários estrangeiros no Brasil: um estudo exploratório.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 29, p. 471-479, 2012.

GUEDES, Glauteice Freitas; CAVALCANTE, Inara Mariela da Silva; PÜSCHEL, Vilanice Alves de Araújo. **Mobilidade estudantil internacional: a experiência de estudantes de graduação em Enfermagem.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 52, 2018.

IORIO, Juliana Chatti; NOGUEIRA, Silvia Garcia. **O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal.** REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 27, p. 197-215, 2019.

KINGESKI, Luciano; OLIVELLA NADAL, Jordi. **Estudantes universitários brasileiros na Espanha: motivações e fatores de decisão.** Educação e Pesquisa, v. 48, 2022.

LIMA, Luciana de Sousa; FEITOSA, Giulliany Gonçalves. **Sair da África para estudar no Brasil: fluxos em discussão.** Psicologia & Sociedade, v. 29, 2017.

MACIEL, Wellington. **Usos de uma cidade da liberdade: Estudantes africanos em Redenção.** Caderno CRH, v. 30, p. 189-201, 2017.

MARGINSON, Simon. **La Educación Superior como autoformación: el caso de estudiantes transfronterizos.** Revista de la educación superior, v. 43, n. 169, p. 7-24, 2014.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Texto & contexto-enfermagem, v. 17, p. 758-764, 2008.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. **Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil.** REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 20, p. 125-139, 2012.

OLIVEIRA, Mariana Gonçalves de; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. **Programa de mobilidade acadêmica internacional em enfermagem: relato de experiência.** Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 33, p. 195-198, 2012.

PATUZZI, Gregório Corrêa et al. **Aprendizagens acadêmicas sobre saúde pública em uma universidade canadense: contribuições para a formação brasileira.** Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 38, 2018.

PERES, Luise Bittencourt; CERQUEIRA-ADÃO, Sebastião Ailton da Rosa; FLECK, Carolina Freddo. **Integrar e acolher: o acesso de refugiados e imigrantes haitianos nas universidades.** Educação e Pesquisa, v. 48, 2022.

POMPEO, Daniele Alcalá; ROSSI, Lúcia Aparecida; GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: etapa inicial do processo de validação de diagnóstico de enfermagem.** Acta paulista de enfermagem, v. 22, p. 434-438, 2009.

SANTOS, Andréia Ferreira dos et al. **Qualidade do sono e fatores associados em universitários de enfermagem.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 33, 2020.

SILVA, Andressa Fernanda et al. **Qualidade do sono, variáveis pessoais e laborais e hábitos de vida de enfermeiros hospitalares.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 30, 2022.

SILVA, Gilberto Tadeu Reis da. **Formação avançada e intercâmbio educacional internacional: aprendizados, superações e vivências.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 75, 2021.

SILVA, Kelly; MORAIS, Sara Santos. **Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos Palop em duas universidades brasileiras.** Pro-Posições, v. 23, p. 163-182, 2012.

SOUZA, Jeane Barros de et al. **Vulnerabilidade e promoção da saúde de imigrantes haitianos: reflexões pela práxis dialógica de Paulo Freire.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 55, 2021.

TAVARES, Liliana; CALHAU, Conceição; POLÓNIA, Jorge. **Assessment of cardiovascular risk and social framework of Cape Verdean university students studying in Portugal.** Revista Portuguesa de Cardiologia (English Edition), v. 37, n. 7, p. 577-582, 2018.

VASCONCELOS, Tatheane Couto de et al. **Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina.** Revista Brasileira de Educação Médica, v. 39, p. 135-142, 2015.

VULTUR, Mircea. **Lógicas de mobilidade, projetos profissionais e experiências interculturais dos estudantes internacionais no Quebec.** Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 13, n. 3, p. 1-15, 2018.